

Performance Pentecostal como Elemento Formador da Cultura Religiosa

Protestante¹

João Pedro Oliveira de Araújo²
Cristina Teixeira Vieira de Melo³

Resumo

O movimento carismático, na igreja reformada, coloca o culto pentecostal como espaço de resgate para o desenvolvimento das experiências coletivas praticadas e vividas pelos cristãos do primeiro século. Com o objetivo de traduzir o invisível, os líderes cristãos incorporaram em sua prática religiosa algumas performances que podem ser lidas e interpretadas como linguagens, dotadas de sentido e significado, para alimentar o sistema cultural religioso. A partir disso, pode-se compreender que as variedades performáticas existentes no ritual cristão são ferramentas encontradas pelos pastores e cantores para tirar do campo imaginário as ações divinas e personificá-las, satisfazendo assim a necessidade de concretizar a atuação do Espírito Santo. Permeando por ideias sociológicas, o estudo desenvolve o conceito de festa religiosa (SOUZA, 2009) e de cultura como necessidade social (ALBUQUERQUE, 2015), analisando os elementos que compõem a cultura da emoção. Esta breve reflexão representa parte de uma análise realizada em uma igreja pentecostal de Recife, Pernambuco.

Palavras-chave: Performance; cultura religiosa; pentecostalismo

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que o culto pentecostal existe como um novo mundo – simbólico, mas que compõe o mundo real -, a ideia que pretendo desenvolver aqui é uma tentativa de leitura hermenêutica sobre a concepção defendida pelo movimento pentecostal, baseada pela perspectiva de um campo religioso-cultural, o qual caracteriza a etnografia da religião no Brasil. Diante disso, passo a abordar, assim como Valdevino (2015), influenciado por Bittencourt (2003), o faz, o culto como um texto que narra, com sua linguagem, signos e significados próprios, o conjunto de sentidos que regem seu caráter, formando assim a cultura religiosa.

De acordo com o Censo Demográfico de 2010, a Assembleia de Deus tinha 12,3 milhões de fiéis em todo o Brasil. Destes, cerca de 800 mil compunham a igreja em Pernambuco, corroborando ser a instituição protestante mais poderosa do estado e do país. Por causa disto, aplicando o método de observação participante, pude extrair dos cultos⁴ analisados alguns símbolos peculiares à cultura religiosa pentecostal brasileira,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: jpoa96@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPE, email: cristinateixeiravm@gmail.com.

⁴ Trata-se dos cultos do 35º Congresso de Jovens realizados no templo sede da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco, localizado na Avenida Cruz Cabugá, 29 – Santo Amaro, Recife. Nesse evento, foram realizados, ao

fazendo uma releitura dos conceitos sociologicamente eleitos por Valdevino. Além disso, aplico o termo “efervescência coletiva” de Perez (2002), apresentado por Souza (2009) que permeia entre o sentido de festa para os pentecostais e o vínculo coletivo que ele causa, formando a sociedade.

A primeira etapa desta pesquisa faz uma rápida introdução ao pensamento de alguns autores consultados, os quais serviram de base para a argumentação proposta na análise. Após este momento, com a finalidade de inserir o leitor no contexto religioso das reuniões analisadas, trago a história da Assembleia de Deus no estado de Pernambuco e a liturgia de seu culto. E, por último, é a própria análise dos signos que o compõe.

Para ter uma ideia de como se dá a promoção de emoções entre os crentes pentecostais, o discurso utilizado pelos artistas religiosos e pastores é analisado. O culto em si é o conjunto de diversos elementos antecipadamente estruturados e pactuados entre quem performa e quem visualiza essa atuação e o principal objetivo desta pesquisa é analisar e interpretar esses fatores como formadores do que chamamos de *cultura da emoção*.

A FESTA

Buscando satisfazer as necessidades do espírito, o homem encontrou na religião seu anseio de adorar a um – ou a vários – ser(es) supremo(s), criador do mundo e de tudo que nele há. A igreja é a principal instituição social que abriga e é responsável por supervisionar as regras impostas nos livros sagrados, alimentando o sistema religioso e permitindo que nada fuja dos padrões estabelecidos pelos patriarcas, reforçando a função de instância reguladora. Por sua vez, o Cristianismo hoje é cercado por vários temas, que podem ser observados e analisados. Como o campo é bastante amplo, Souza⁵ (2009) decide analisar os encontros sagrados sob uma perspectiva cultural, abordando a festa religiosa como um tema que aponta elementos constitutivos da complexa relação entre insurgências universais e saberes locais.

A festa, sobretudo a religiosa, pode ser observada como a exaltação dos sentidos através do compartilhamento de sentimentos e emoções que levam ao paroxismo. Por

todo, oito cerimônias entre manhã, tarde e noite, entretanto esta análise se concentrou apenas nos cultos realizados no período noturno dos dias 30 de junho, 1, 2 e 3 de julho de 2016.

⁵ João Valdir Alves de Souza – Bacharel-licenciado em Ciências Sociais pela FAFICH/UFMG (1990); Mestre em Educação pela FAE/UFMG (1993); Doutor em História e Filosofia da Educação pela PUC/SP (2000). Professor de Sociologia da Educação na Faculdade de Educação e no Programa de Pós Graduação em Educação da FAE/UFMG.

outro lado, se considerarmos a intensidade com que se vive esse período extraordinário, não se pode esperar que a festa seja algo presente na vida cotidiana das pessoas por se tratar de um evento excepcional. Dentre os vários elementos que constitui a festa, Souza destaca três que são fundamentais para compreensão da sua análise. São eles: o caráter celebrativo, o aspecto subversivo e a função ritualista da comemoração.

Como celebração, a festa é a exaltação coletiva dos sentimentos de liberdade das amarras da vida cotidiana. Como subversão, a festa é a manifestação do desregramento, da oposição à lógica do cálculo que preside o mundo do trabalho. Como ritual, ela é a consagração do princípio religioso da *religere*, isto é, da *re-ligação*, do revigoramento, da reciprocidade, da reafirmação dos elos que unem o grupo social. (SOUZA, 2009, p. 100)

Influenciado basicamente por três autores, Souza analisa a festa religiosa sob três perspectivas distintas. Primeiramente, como “acontecimento total” que se constitui em ruptura com o cotidiano, irrupção de outro universo (SANCHIS, 1983, p.139). Segundo, a festa é vista como “tempo de exceção”: de alegria, de fartura (ZALUAR, 1983, p.72). E, por último, como “efervescência coletiva”, exaltação dos sentimentos em grupo (PEREZ, 2002).

Dos três escritores, Léa Freitas Perez é que mais se aproxima daquilo que será abordado em neste estudo. Ela analisa sociologicamente em poucas páginas o caráter excepcional das características que compõe o culto especial: “o exagero, a superexcitação, o desregramento, a transgressão, a explosão intermitente, o frenesi exultante, a efervescência das paixões, a intensidade do vivido, seu caráter contagiante e sua atmosfera sacrificial” (PEREZ, 2002, p.22).

Seja na necessidade que as pessoas têm de se unir para manter contato com um ser superior, seja em um ambiente contemporâneo social e culturalmente diversificado, a festa pode ser enxergada como um forte mecanismo que opera ligações entre os indivíduos. A partir disso, Perez recupera a ideia durkheimiana de festa como agrupamento massivo, criador da exaltação geral, isto é, da efervescência coletiva. Ela também remete em seu estudo a noção de “*religere*”, também de Durkheim, em que a realiança provém do estabelecimento de um vínculo coletivo atendido pela religião.

A festa, no entanto, não pode ser vista somente como o ato de se divertir. É claro que o divertimento é uma das características marcantes das comemorações, entretanto, segundo Souza, o que constitui uma festa é o agrupamento massivo capaz de gerar

exaltação dos sentimentos. Essa efervescência, por sua vez, pode ser lida sob duas perspectivas. A primeira delas no sentido mais óbvio que a palavra remete, ela é a glorificação pura e simples das sensações e atos do grupo, orientando-se não pelo sentido racional, mas sim pelos sentimentos e emoções compartilhados coletivamente. É por isso que quando questionados racionalmente sobre a ação do espírito santo no ambiente religioso, os cristãos pentecostais remetem ao discurso de que não é possível explicar, mas é preciso ter fé para acreditar que aqueles movimentos provêm de um mundo sobrenatural. No segundo sentido, a efervescência expressa o impulso que incita os indivíduos a se reunir e se manterem ligados uns aos outros. E é justamente esse sentido de ligação promovida pela festa religiosa que vai elevar a dimensão das festas seculares aproximando-as do estado religioso (SOUZA, 2009). Por causa dessa conexão, a festa encontrada nas torcidas dos estádios, no público dos shows e nos cultos pentecostais são equivalentes. “Pouco importa se é festa religiosa ou profana, o que vale é que ela é o espaço privilegiado de reunião das diferenças, isto é, o espaço de figurações sociais, de assembleia coletiva e de socialidade. A festa é, portanto, o elemento de religação.” (PEREZ, 2002, p. 35).

A festa permite os indivíduos libertar-se das “amarras da temporalidade linear e da lógica da utilidade e do cálculo” e até mesmo transgredir as “interdições e as barreiras sociais usuais”. Porém, alimentando seu caráter paradoxal, ela não pode ser suportada por muito tempo, pois corre o risco de esgotar sua capacidade criativa e regenerativa, já que a festa existe como instantes de fuga da realidade, presididos pela lógica do excesso, da exacerbação. Esse risco de esgotamento aumenta quando a festa se aproxima do espetáculo, a menos que ela seja transformada em negócio, pois, enquanto a festa como evento excepcional produz o participante, o qual se anima no espírito comunitário e participativo, o negócio produz o espectador que se satisfaz com o divertimento permitido pelo show. “Atualmente assistimos à espetacularização da festa, que tem sido apropriada pelas relações de mercado e se tornado a cada dia mais esvaziada do seu sentido religioso” (SOUZA, 2009, p.105).

PERFORMANCE

Diante disso, é possível analisar a festa religiosa como uma narrativa da experiência pentecostal, que, muitas vezes, é espetacularizada para satisfazer as necessidades do mercado, como por exemplo a obtenção de mais fiéis a fim de

conseguir mais dizimistas. Assim como Souza (2009), Albuquerque⁶ (2015) observa culturalmente a festa religiosa. Para este, o culto quanto fenômeno é lido tal qual um texto, apresentado em linguagem particular através de seus códigos e símbolos peculiares as pessoas que fazem parte daquele meio.

O culto cristão, em conformidade com o movimento carismático⁷, é caracterizado pela performance ritual que o distingue e assemelha aos diversos caráter de festas existentes. A experiência carismática, na igreja reformada, traz a atualidade as experiências coletivas praticadas e vividas pelos cristãos do primeiro século. Embora não seja o único dom do espírito, o “falar em línguas” é dotado de sentido e significado, assim como os demais, em que sua essência gira em torno da atuação do Espírito Santo. Dentre as várias leituras que podem ser feitas a respeito da hermenêutica desses dons, a glossolalia representa a principal estrutura simbólica do movimento pentecostal. A partir dela, pode-se compreender as variedades performáticas religiosa - os gestos, gritos, marcha - como a principal forma encontrada para traduzir-se a ação divina. O ato de fé, mesmo sendo considerado como a crença daquilo que não se vê, mas do que se espera, é fundamentado na materialização do invisível por meio dessas performances.

Entre as várias possibilidades de manifestação assumidas pelo espírito santo⁸ no culto⁹ pentecostal, Albuquerque destaca a *performance da marcha*, que não é característico somente a realidade observada por ele, mas também é comum aos cultos das demais igrejas que creem na atuação da terceira pessoa da trindade. Munido do argumento de Durkheim (2008), Albuquerque frisa que a ação ritual constitui “a prova experimental da crença”, em que o culto não é somente um sistema de signos que representa exteriormente a fé, mas sim a coleção de meios pelos quais a fé se cria e recria periodicamente, isto é, o ato performático, além de ter significados próprios e ser a representação do invisível, assume papel fundamental na alimentação da fé, testificando os movimentos como a vivência do sobrenatural.

⁶ Doutorando e Mestre em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR/UFJF), Comunicólogo habilitado em Jornalismo pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF, SVD/SMC). Membro dos grupos de pesquisa “Religião, Modernidade e Ecologia” (PUC-MG), “Núcleo de Estudos em Protestantismos e Teologias” – NEPROTES (UFJF) e “Antropologia das Fronteiras Conceituais” (UFJF).

⁷ A manifestação carismática afirma que os movimentos do espírito santo dados aos crentes do primeiro século (cf. Atos 2) – considerados como crentes primitivos – podem ser vividos e praticados ainda hoje.

⁸ Terceira pessoa da trindade.

⁹ O Valdevino tem como objeto de estudo os cultos da Igreja Evangélica Preparatória (IEP), sediada em Juiz de Fora, zona da mata mineira. s cultos da Igreja Evangélica Preparatória (IEP) é o objeto de estudo de Albuquerque (2015).

Entre as várias possibilidades de manifestação assumidas pelo sagrado no culto pentecostal abordado, destaco a “performance da marcha”, momento em que alguns irmãos, “sob o ímpeto do Espírito Santo” sobre suas experiências sensíveis, são “tomados em marcha”, eles afirmam, em atitudes geralmente beligerantes frente à realidade da “oposição maligna” no mundo espiritual. (Albuquerque Júnior, Valdevino, 2015, p. 3)

CONGRESSO DE JOVENS

Durante todo o ano, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco (IEADPE) realiza grandes eventos para promover confraternização dos que compõem determinado setor da igreja. Além disso, os congressos também são feitos na intenção de conquistar novos membros. Eles são organizados pelo departamento responsável conforme o caráter da festa. Geralmente, os eventos são realizados em períodos fixos. O Congresso de Jovens, objeto de estudo desta análise, tem seu espaço fixo reservado na agenda da igreja. Em 2016, como é previsto anualmente, foi realizado no final de junho e começo de julho.

É inevitável não notar a superlotação do templo nesses quatro dias. Bem antes de o culto começar já não há mais espaço nem mesmo para ficar em pé. As pessoas que ainda assim insistem em tentar acompanhar a cerimônia de dentro da igreja chegam a se apertar umas com as outras a fim de conseguir nem que seja um pouco menos de um metro quadrado para cultuar.

Com sua primeira edição em 1981, o Congresso de Jovens chegou a 2016 completando 35 anos. O tema base desse ano foi “*eu te constituí por atalaia*”, fazendo menção ao livro bíblico de Ezequiel 33:7, isto é, todas as pregações foram compostas por subtemas, os quais sempre convergiam para o mesmo assunto. Organizado pela Superintendência das Campanhas Evangelizadoras, na qual tem o Pastor Jeferson Aleluia como líder, o evento aconteceu nos dias 30 de junho, 1, 2 e 3 de julho e todos os cultos realizados a noite foram transmitidos pela Rede Brasil de Comunicação (RBC), emissora da igreja, via web, rádio e televisão, transpassando a fronteira brasileira.

O culto oficial é composto basicamente por dois momentos: 1) os dos louvores e 2) o da palavra de Deus. 3 órgãos¹⁰ de louvor foram postos como fixos cantando durante os 4 dias do evento. São eles: o Coral Jovem formados pelos preletores de Culto

¹⁰ Trazendo o caráter orgânico ao estudo, os órgãos de louvor são corais que louvam durante os cultos. São assim chamados porque faz referência a organicidade que a igreja coloca sobre a figura de Jesus Cristo em relação aos crentes. A igreja é vista como organismo em que “Cristo é a cabeça” – fazendo analogia ao cérebro – e os crentes são os órgãos que põem esse corpo em funcionamento.

Jovem¹¹, Coral Jovem do Templo Central¹² e pelo Grande Coral de Jovens¹³, além dos cantores consagrados pela própria igreja.

O RITUAL

Dando início à primeira parte do culto, a reunião começa através de uma oração. Nas duas primeiras noites, devido à ausência do pastor presidente, a prece foi conduzida pelo seu filho, Ailton José Alves Júnior – assim como no ambiente político brasileiro, a IEADPE parece obedecer uma lógica familiar sobre os cargos eclesiásticos mais relevantes, pois o atual presidente foi genro do anterior e o seu vice é um de seus filhos. Já nas duas últimas noites, a oração é dirigida pelo presidente da igreja. Após o momento dos louvores, dá-se início a segunda parte do culto, a pregação da palavra de Deus.

Um fato curioso está no discurso dos que recebem a permissão de fala no púlpito porque segue-se um padrão, o qual podemos chamar de “modelo da obediência”, pois em todas as vezes foi possível notar a seguinte fala: “Saúdo a igreja com a paz do Senhor! *Com orientação do pastor...*”. Como se fossem submissos ao pastor e, de certa forma, o são. Todos devem obedecer a ordem hierárquica eclesiástica, a qual muitas vezes não tem qualquer relação com a idade. Há pessoas que são mais velhas, mas que possuem cargos considerados menores nessa escala. Entretanto, o que deve ser levado em consideração, isto é, o que tem mais valor para os crentes é o nível de importância através da função ocupada.

Após a oração inicial, “conforme a orientação do pastor”, a equipe de louvor tem oportunidade para entoar os hinos congregacionais. São cantados, assim como no culto introdutório, entre dois e três hinos da Harpa Cristã. Vale chamar atenção quanto a

¹¹ Cada congregação da IEADPE possui seu Culto Jovem. Eles são realizados aos sábados uma vez ao mês. É um culto que, como o próprio nome já denuncia, é voltado para que o jovem “desenterre/descubra o seu talento”. O futuro deles na igreja muitas vezes depende de sua desenvoltura durante esses cultos. Lá eles saberão se serão cantores ou pregadores. Esse é outro setor regido pela Superintendência das Campanhas Evangelizadoras. Composto em sua maioria por jovens do sexo masculino, eles obedecem ao regime de escalas, assim como a escala dos pregadores oficiais. É como se fosse uma escola em que treinasse o homem para ser pastor e a mulher para ser dirigente de círculo de oração – que são os maiores cargos eclesiásticos que eles podem obter. Cabe ao preletor, durante aproximadamente 30 minutos, pregar a palavra de Deus quando escalado. É preciso ser solteiro e não ter praticado nenhum ato sexual.

¹² Coral formado por jovens que são cadastrados no templo sede.

¹³ O mais importante órgão de louvor do congresso. É composto por aproximadamente 1.000 vozes distribuídas entre tenores, contraltos, sopranos e barítonos; contam com 7 maestros, entre eles: irmã Teresinha, Eliabe, Sílvio e Ismael Barbosa. É formado por jovens de todas ou quase todas as congregações da Região Metropolitana do Recife. Para participar deste coral nos dias de congresso, os jovens são submetidos a inscrição devido à grande concorrência. Quem consegue a vaga é considerado privilegiado, pois nos dias do congresso terá lugar reservado – não correrá o risco de ficar em pé ou no telão na área externa – e poderá cantar no órgão de maior destaque dos cultos, tendo visibilidade e status.

composição desta equipe. Em um ambiente patriarcal e, conseqüentemente, machista, onde os que ocupam lugares de destaque e os que tem a permissão de fala na tribuna, a equipe de louvor é composta por 6 integrantes, dos quais as mulheres são maioria. Afinal, é apenas nos louvores em que é possível notar a presença feminina durante a liturgia do culto. Quatro mulheres e dois homens formam o grupo. Embora essa equipe seja liderada por uma pessoa do sexo masculino¹⁴, esse é um dos raros momentos em que a figura feminina tem permissão para subir ao púlpito. Talvez sejam enxergadas como impuras ou inferiores, já que prevalece a ideia de que só os santos têm permissão para ocupar lugar na tribuna.

Para além da representação feminina, faz-se necessário pontuar a contradição identificada no momento dos louvores, colocando em questão a idolatria, prática totalmente abominada não só pela IEADPE, mas também pelas demais igrejas protestantes. Glorificar é sinônimo de prestar homenagem a algo ou alguém e um dos dogmas mais defendidos pela igreja é que “Deus não dá a sua glória a ninguém”¹⁵. Diante disso, foi possível notar que a glorificação em algum momento da história desta igreja passou a ser banalizada. O que antes era uma ferramenta de adoração, agora é algo comum usado pelos fiéis para expressar alegria sobre determinadas situações.

No primeiro dia do Congresso, o Coral de Jovens do Templo Central recebeu permissão para cantar. A música louvada¹⁶ é muito conhecida no meio religioso por se tratar de hino que mescla exortação, canonização e salvação com ritmo embalado. Nos primeiros toques dessa música, há uma “rajada de glórias e aleluias”¹⁷ no meio da igreja que faz-nos levantar alguns questionamentos: o que eles estão glorificando, se ainda não se ouviu a cantora emitir nenhum trecho da música? Essas glórias são para quem? Para o hino? Para o maestro do coral que colocou uma “bela composição” em seu repertório? Para Deus?

A relação dos fiéis da Igreja Católica com os santos é uma das principais críticas feitas pelos crentes. Munidos do argumento que só “há um mediador, Jesus Cristo, entre Deus e os homens”¹⁸, não devemos “fazer imagem de esculturas”¹⁹ e do texto escrito no livro de Isaías (Idem, Ibid), eles tentam combater tal heresia. No entanto, esses argumentos se constitui como contraditórios a respeito do desvio final da glorificação

¹⁴ Cantor e Presbítero Josafá Souza.

¹⁵ Isaías 42:8

¹⁶ Faço referência a música Santificação, cantada por Elaine de Jesus.

¹⁷ Expressão comumente usada pelos crentes.

¹⁸ 2 Timóteo 2:5

¹⁹ Deuteronômio 5:8

que os crentes promovem e corrobora a tese de que a IEADPE se enquadra no perfil da mais nova Igreja Católica deste século, com contradições camufladas. Se passo a glorificar uma música, cantor ou pregador, passo a criar, mesmo que involuntariamente, um ídolo. Posso não o ter materializado como os santos católicos, mas no meu imaginário, ele existe.

CANTORES

Sob a perspectiva simbólica do culto, é possível observar que os códigos criados pelos crentes são articulados pelo sentido dado a eles. A simbologia atribuída a performance dos cantores pentecostais é aceita por fazer sentido aos crentes de que naquele momento o cantor está sob do controle de um ser sobrenatural, o espírito santo, testificando a ideia da manifestação carismática. A gritaria, o pulo, a gesticulação faz parte da realidade construída pelos crentes e, portanto, compreendida por eles por fazer parte do “sagrado”. O autor defende que a manifestação carismática não deve ser vista somente como um conjunto de técnicas religiosas, mas defende-a como sistema cultural (GEERTZ, 2008) e como constante processo de transações simbólicas.

Esses fatores levam os crentes ao que passamos a chamar de *cultura da emoção*. O “estilo” próprio a cada cultura influencia diretamente o comportamento dos indivíduos (CUCHE, 2002), ou seja, o conjunto de signos e o sentido dado a eles de determinada cultura interfere totalmente em nosso emocional. É possível observar o gestual como forma de produto performático da experiência. É a tradução em comportamento daquilo que, segundo eles, não se pode ver; é necessário ter fé para crer e sentir o sobrenatural.

Um dos produtos que corrobora esse argumento é a *performance da marcha* (ALBUQUERQUE, 2015). Essa prática, que é bastante comum aos cantores pentecostais, confirma a ideia de se traduzir o invisível. Entretanto, poucos autores, ao analisar de forma sociológica seu objeto, não considera a hermenêutica dos fatores que colocam os cantores a performar nos púlpitos. Embora existam diversas denominações pentecostais – e talvez esses fatores não existam ou não são tão notáveis em seus respectivos objetos de estudo -, é possível perceber nos cultos da IEADPE a promoção da cultura da emoção pelos elementos que citaremos a seguir.

Tenho em mente a ideia de que as performances dos cantores é uma das formas encontradas por eles de materializar as sensações do ambiente abstrato (o sobrenatural)

e entrar no mundo real (o concreto). Porém, por trás disso, há um conjunto de fatores que levam a multidão ao “êxtase espiritual” em alguns momentos²⁰.

Os cantores no momento da atuação estão se apresentando como se estivessem em um show secular. Analogamente, a glorificação dada a eles são as palmas recebidas pelos “cantores mundanos”²¹ para indicar a aprovação da plateia diante daquela performance; o púlpito da igreja transforma-se no palco da apresentação.

A gesticulação é a porta de entrada para comover o público, pois trata-se do principal meio por eles utilizados. Seguidos de gritos em algumas, ou na maioria, das notas para ratificar que é o espírito santo que está elevando o nível do ambiente a outro patamar. Quando a gritaria alcança o seu auge, há uma rápida queda no volume vocal e essa transição do grito ao sussurro leva ao ponto máximo da performance do artista, na ocasião em que há a manifestação da glossolalia no culto. O cantor inicia falando as línguas estranhas, como se estivesse mais sensível ao poder de Deus, e, logo após, os demais seguem a lógica.

Mediante a isso, quando as emoções já estão um “pouco” controladas há a materialização de Deus, isto é, o cantor agora serve como canal do Ser Supremo para transmitir a “mensagem do céu para o seu povo”. Deus passa a incorporar e usar a boca do seu “servo” para falar diretamente com a igreja. Entretanto, o que nos chama a atenção aqui é a repetição do sentido das palavras por cantores diferentes. Mesmo que as palavras sejam trocadas por sinônimos o significado permanece igual. O discurso sempre é redundante:

“Aleluia! O nosso Deus é Deus de providência. Ele cuida de nós. Descansa nele. A tua vida está no controle dele. Teu futuro pertence a ele. Então descansa no Senhor. Ele está provendo tudo. Aguarde! Aleluia! Ele é fiel! Gloria a Deus!”²²

²⁰ É necessário lembrar que nem sempre a performance atinge seu objetivo, o de emocionar, ou seja, não é em todo momento de louvor que a igreja consegue ser emocionada. Os cantores que conseguem harmonizar todos os fatores envolvidos na performance de forma adequada levando os fiéis a máxima espiritual são olhados de forma diferenciada tanto pelos pastores quanto pelos crentes. É possível notar quando há a anúncio de um cantor pelo pastor esse “respeito idólatra”. Antes mesmo de eles subirem à tribuna há um momento de glorificação (Idem) somente pela oportunidade concedida. Esse respeito é construído com o tempo, tanto é que os cantores lançados recentemente pela indústria midiática religiosa não têm a glorificação que os mais antigos e, além disso, aqueles precisam performar ainda mais que estes para conseguir acumular aquele respeito, ganhar nome na mídia religiosa e causar emoção.

²¹ Há no meio religioso que existe diferença entre cantores que cantam na igreja e os que cantam fora dela. Os que atuam dentro do ambiente religioso são conhecidos como *levitas da casa do senhor*, os que cantam fora, *cantores do mundo*.

²² Cantora Eliã Oliveira.

“Você só está aqui nesta noite porque você tem um Deus que cuida de ti. Aleluia! (...) Ele é fiel!”²³

As composições também põem em dúvida a finalidade dos louvores. As músicas entoadas dentro do templo devem ser única e exclusivamente para a exaltação e adoração a Deus; assim como está escrito no Antigo Testamento (Idem, Ibid.). Essa tese contraria o que observamos na maioria das composições cantadas no congresso pelos artistas religiosos. Há, mais uma vez, assim como pontuamos no processo de glorificação, um desvio de finalidade. Os hinos que deveriam ter caráter de veneração ao Senhor servem como consolação para os crentes baseados no discurso de que “a vitória vem”, “Deus é Deus de providência”, “vai dar certo”. Não que essas falas estejam erradas – até porque não queremos questionar aqui se essa prática é certa ou errada -, mas os crentes, nessas canções, passam a assumir o foco, o qual deveria ser ocupado por Deus e, além disso, as obviedades trazidas nesse discurso não produzem nada mais do que emoção, mostrando que os cantores religiosos, além de assumirem papel de atores, fazem isso de forma consciente:

“Não vou me importar com o que o mundo diz
O importante é o que o meu Deus pensa de mim
A minha vida está guardada no Senhor
Me lembro muito bem de onde Ele me tirou.”²⁴

Além dessas práticas, simulações de voz de choro - por meio de tremulações na voz - também são constantemente emitidas pelos artistas. No entanto, os pastores, líderes, maestros não se emocionam como a igreja em geral. É como se eles já fossem conscientes dessa estrutura e que estão ali justamente para ofertar isso aos crentes.

Essas características são comuns a todos os cantores, entretanto não podemos atribuir a emoção causada nos cultos somente a performance dos artistas religiosos. A música também coopera com os fatores que formam a cultura da emoção. A música em si como conjunto harmônico de instrumentos, notas e letra é mobilizadora de emoções (ALBUQUERQUE, 2015).

A atuação dos cantores, portanto, leva-nos a entender que só existe um único objetivo quando a oportunidade ao artista é concedida: emocionar os crentes.

²³ Cantora Amanda Wanessa.

²⁴ Primeira estrofe da música Maior Troféu, composição de Tony Ricardo, cantada por Damares. Este hino foi louvado pelo coral de preletores de culto jovem.

Entretanto, não deixo de considerar que eles ocupam um importante papel dentro do quadro de alimentação e reforço o sistema cultural religioso.

Não podemos deixar de pontuar aqui que as igrejas protestantes assumem uma importante função na sociedade sendo lugares de fuga para pessoas angustiadas e/ou perturbadas. Porque são nelas que esses indivíduos obtêm palavras positivas. É na igreja que se obtêm forças para continuar vivendo mesmo diante das adversidades que a vida proporciona. Podemos considerar isso como uma terapia em que o pastor - munido do discurso do “esqueça quem está do seu lado e de todos os problemas que você deixou lá fora, pois Deus está aqui e diz que vai dar tudo certo” - renova esperanças. Talvez, isso seja o principal fator do aumento exorbitante do protestantismo no Brasil.

O Brasil continua sendo a maior nação católica do mundo, entretanto, na última década, o IBGE constatou o aumento expressivo no quantitativo de evangélicos. Se mantida essa crescente, em no máximo 30 anos, crentes e católicos estarão empatados nos números. Em 2000, a população evangélica era de 15,4%. No ano de 2010, esse percentual sobe para 22,2%. Desse total, 60,0% é de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8%, evangélicos não determinados.²⁵

PREGAÇÃO

“Levanta a tua mão pra receber, se crer, no derramamento do espírito santo. Jesus quer te dar dons espirituais nesta noite. Jesus quer te dar dons espirituais. Levanta a tua mão nesta noite para receber ferramenta para o campo de batalha”²⁶.

O momento da ministração da palavra de Deus é considerado a etapa mais importante do ritual religioso, pois os crentes acreditam que neste momento há a manifestação do divino. O pregador da noite assume o papel de canal entre o Ser Supremo e o seu povo, ou seja, ele é um mediador que vai “transmitir a mensagem do céu para Israel”²⁷.

Geralmente, os pastores têm em torno de cinquenta minutos para cumprir sua atuação. Podemos dividir esse tempo em três partes. Inicialmente, a performance dos pastores aqui difere da dos cantores, porém o objetivo final parece permanecer o mesmo. Como todo e qualquer bom palestrante, os pregadores são pessoas que

²⁵ Dados do Censo 2010.

²⁶ Pastor Waldemir farias durante a pregação no segundo dia do 35º Congresso de Jovens.

²⁷ Os pregadores constantemente, em seu momento de fala, fazem analogias para expressar o que querem dizer para os crentes. Uma delas é esta em que “mensagem do céu” é atribuída à fala de Deus e Israel, o povo eleito por Deus, faz menção aos crentes.

dominam a arte do bem falar, exercendo imenso domínio sobre a oratória. Chegam a tribuna, munidos de um roteiro, que serve como norte e deve ser seguido, mas isso não implica dizer que ele servirá de camisa de força para os pregadores. Caso eles fujam daquilo que estava programado, pois estão sempre muito preparados, durante o primeiro momento de fala, é considerado obra do espírito santo. Seu trabalho é fazer, de forma didática, uma contextualização histórica do tema que foi proposto.

No segundo momento, é possível observar a elevação do tom de voz. No começo, a pregação parece fluir como se fosse uma conversa amigável; agora, há elevação gradativa da voz. Nesta parte, seu propósito é traçar um paralelo daqueles dias descritos na bíblia com os dias de hoje através de analogias.

A partir do momento em que o pregador tira o microfone do pedestal – embora nem todos tomam essa atitude, mas a maioria o faz – temos o início da terceira fase. É nela que haverá a materialização do sagrado, por meio de línguas estranhas proferidas, em primeiro momento, por quem prega, posteriormente, pelos crentes em geral. A liberdade de atuação performática neste momento atinge seu ápice. Há maior liberdade para gesticular e gritar.

A performance desenvolvida pelos pastores é equivalente a dos narradores de jogo de futebol. A emoção é tida como o principal objetivo durante todo o culto e, para que isso ocorra no momento mais importante da reunião, os pregadores se utilizam de um artifício que Rebelo Júnior usou muito no meio esportivo. A criação do famoso grito do “gool!” é atribuída a ele e só tinha uma finalidade, a de chamar atenção dos ouvintes que estivessem desligados do jogo. Assim como Rebelo Júnior fazia com a torcida na década de 1930, os pastores parecem copiar sua estratégia. Em vez do gol, eles usam o “receebe!” como artifício para atrair a atenção dos fiéis. Os crentes, por sua vez, assim como as torcidas nos estádios de futebol, reagem a esse grito instantaneamente. Entretanto, em vez do “eee!” da torcida, os fiéis gritam “glóoria!” e erguem as mãos para o alto de forma gradativa, como se um fosse incentivado pelo irmão do lado, similar a coreografia do *ooola* realizada por espectadores nas arenas, constituindo a verdadeira festa pentecostal. Ou melhor, o culto pentecostal. A propósito, Rivera (2005) nos lembra que festa e culto pentecostal são sinônimos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses quatro dias de congresso, em que milhares de pessoas, munidas de suas bíblias, foram ao templo sede para marcar presença no 35º Congresso de Jovens pude sentir de perto o poderio que a IEADPE exerce no estado. A cada noite, após a pregação, algumas pessoas se convertiam ao evangelho pregado, mostrando resultado aos artifícios performáticos utilizados pelos cantores e pastores durante aquelas noites. Os irmãos ali presentes de fato creem que o divino ainda se manifesta nos dias de hoje, corroborando a tese da teologia pentecostal dos crentes primitivos. A grande influência dos pastores sobre os crentes está contida neste ponto. O discurso dos líderes na tribuna diversas vezes é antecipado por “Estou recebendo uma palavra do céu neste momento. Deus manda eu te dizer que...” e, posteriormente, eles falam o que acham por bem falar. Através disso, os fiéis tomam esta fala como uma verdade incontestável, pois naquele momento Deus se utilizou do pastor/cantor para falar com a igreja, ou seja, qualquer ideologia pregada no púlpito torna-se autêntica.

Socialmente, a igreja tem um papel fundamental na sociedade. Hoje, ela é enxergada como solução para os problemas enfrentados pelos indivíduos. Lá, cada pessoa chega com suas dificuldades e encontram uma imensidade de irmãos com outras adversidades e sentem-se acolhida pelas palavras de força e esperança recebida. Entretanto, para que isso ganhe legitimidade, a igreja usa da performance como artifício para garantir que a renovação da fé dos cristãos. A intensa gesticulação, as gritarias seguidas de suavização, as línguas estranhas dão credibilidade ao discurso transmitido. Tudo isso para satisfazer as necessidades mercadológicas cristã. Quanto maior o exército de crentes, maior é a renda financeira da igreja. A prova disso é a inauguração de várias igrejas na RMR todos os finais de semana.

O lucro, portanto, é o produto resultante da performance da festa religiosa. Seja pelos dízimos e ofertas, seja pelos produtos vendidos na porta da igreja. Ofereceram-me uma variedade de produtos: CD, DVD, camisa, livros, manuais, jornal institucional. Esses produtos são a extensão da igreja nos lares. A música de vitória cantada e performada no culto pode, se comprada, ser levada para casa, através do CD dos artistas. A ideologia do pastor, também, por meios dos livros. Mas, o efeito de ir à igreja não é suplantado por este comércio informal, já que o ser sobrenatural se manifesta de maneira palpável no templo.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CAVALCANTE, Phelipe. **Breve Histórico da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco**. Recife, maio de 2010. Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/breve-historico-da-igreja-evangelica-assembleia-de-deus-em-pernambuco/37692/>>. Acesso em: 21 set. 2016.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. ed. 2, Bauru: EDUSC, 2002.
DURKHEIM. Émile. *As formas elementares de Vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2008.

JÚNIOR, Marcelo. **História da Assembleia de Deus em Pernambuco**. Recife, 2014. Disponível em <<http://www.leadpe.org.br/index.php/a-instituicao/historia>>. Acesso em 21 set. 2016.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Valdevino. **Performance Ritual como Narrativa da Experiência Religiosa: Um Caso Pentecostal**. Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF, 2015.

MATOS, Alderi Souza de. **O Movimento Carismático na Igreja Reformada**. 2011. Disponível em <<http://www.mackenzie.br/7074.html>>. Acesso em 21 out.2016.

PEREZ, Léa Freitas. **Antropologia das efervescências coletivas**. In: PASSOS, Mauro. (Org.) *A festa na vida*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.19-26.

SANCHIS, Pierre. **Arraial: festa de um povo – as romarias portuguesas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

SANTOS, Roberto José et al. **Síntese Histórica – Assembleia de Deus em Abreu e Lima 80 anos**. Recife: Flamar, 2008.

SANTOS, Valdevino Rodrigues dos. **Tempos de Exaltação – Um estudo sobre a Música e a Glossolalia na Igreja do Evangelho Quadrangular**. Volume 159. Selo Universidade: Antropologia. Annablume, 2002.

_____. **Manifestações Espirituais nas igrejas pentecostais: um estudo psicossocial do transe através da música como mobilizadora de emoções**. São Paulo: USP (Tese de doutorado), 2002.

SOUZA, João Valdir Alves de Souza. **A Festa e o Calendário religioso na Demarcação dos Tempos da Vida Social**. Revista Desenvolvimento Social. Unimontes – MG, 2009.

RIVERA, Paulo Barrera. **Festa, corpo e culto no pentecostalismo: notas para uma antropologia do corpo no protestantismo latino-americano**. In: NUMEN: Revista de estudos e pesquisa da religião. Juiz de Fora, UFJF, v. 8, n. 2, p. 11-38, 2005.

ZALUAR, Alba. **Os Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.